

A pedido de Biden, Israel e Egito liberam ajuda humanitária a Gaza

Israel e Egito liberam ajuda a Gaza

Durante a visita do presidente Joe Biden ontem, foi autorizada a entrega de suprimentos à região que está sob bloqueio



Caminhões com alimentos, água e medicamentos já estão posicionados na fronteira de Rafah

O governo de Israel confirmou ontem que permitirá ao Egito entregar ajuda humanitária à Faixa de Gaza. O anúncio foi feito durante a visita do presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, ao país.

“À luz da exigência do presidente Biden, Israel não impedirá o fornecimento de ajuda humanitária do Egito, desde que se trate apenas de alimentos, água e medicamentos para a população civil no sul da Faixa de Gaza”, diz o comunicado do governo israelense.

A decisão contempla a crescente pressão internacional, inclusive americana, para que a assistência humanitária entre em Gaza, onde centenas de milhares de residentes foram deslocados em meio a constantes ataques aéreos israelenses atrás dos terroristas do Hamas, que fazem civis de Israel de reféns. Israel instituiu um cerco completo a Gaza, cortando o acesso a alimentos, água, eletricidade e combustível, após o ataque do grupo extremista no dia 7.

No comunicado, Israel reforça que não permitirá a entrada de suprimentos a Gaza a partir de seu território. “Israel não permitirá nenhuma ajuda humanitária de seu território para a Faixa de Gaza enquanto nossos reféns não forem devolvidos”, diz a nota. Outra condição imposta por Israel é que a ajuda

“Aos países que estão cogitando atacar Israel, deixo a minha mensagem clara: não ataquem.”

JOE BIDEN
Presidente dos Estados Unidos

não chegue a membros do Hamas.

Horas após o anúncio, o presidente egípcio, Abdel Fattah el-Sissi, concordou em permitir a passagem de 20 caminhões pela fronteira de Rafah. A expectativa é que isso ocorra nos próximos dias.

Durante a visita de ontem, Biden anunciou um aporte de US\$ 100 milhões para assistência humanitária nos territórios palestinos de Gaza e da Cisjordânia.

Pacote

Em discurso em Tel Aviv após se reunir com o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu, Biden também afirmou que vai pedir ao Congresso norte-americano que aprove um “pacote de defesa sem precedentes a Israel” e enfatizou que os EUA vão seguir apoiando o país com equipamentos de defesa e ajuda humanitária para garantir que o Domo de Ferro, sistema antibombas israelense, permaneça

“completamente abastecido”.

Biden alegou que, no momento, a prioridade do governo dos EUA é recuperar as cerca de 200 pessoas que são mantidas como reféns pelo Hamas em Gaza.

– Aos países que estão cogitando atacar Israel, deixo a minha mensagem clara: não ataquem – alertou Biden, cobrando também que o Hamas permita que a Cruz Vermelha visite os reféns.

Também ontem, mais de cem manifestantes ocuparam o prédio do Congresso norte-americano, em Washington, para pedir cessar-fogo. O ato foi convocado pelo movimento Voz Judaica pela Paz.

Detalhe ZH

O presidente da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), Hélio Doyle, foi demitido após compartilhar em uma rede social uma postagem que ofende apoiadores de Israel. A mensagem repostada por Doyle é de autoria do cartunista e ativista político Carlos Latuff, que afirmou: “Não precisa ser sionista para apoiar Israel. Ser um idiota é o bastante”.

Após a demissão, Doyle afirmou que o ministro da Secretaria de Comunicação Social (Secom), Paulo Pimenta, alegou que o compartilhamento do post e a repercussão na imprensa criaram “constrangimento ao governo”.

Relatório dos EUA sobre hospital aponta para grupo

Autoridades dos Estados Unidos afirmaram que múltiplas fontes de inteligência indicam que a explosão que ocorreu no hospital Ahli Arab, na Faixa de Gaza, na terça-feira, foi causada pela Jihad Islâmica. A organização terrorista rejeita a acusação.

Segundo um relatório preliminar, dados de satélite mostram o lançamento de um foguete ou míssil a partir de posições de terroristas em Gaza. As agências de inteligência de Washington também analisaram o vídeo do lançamento, que indica que ele não veio da direção de posições militares israelenses.

– Embora continuemos a coletar informações, nossa avaliação atual, baseada na análise de imagens aéreas, interceptações e informações de inteligência é que Israel não é responsável pela explosão – afirmou a porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, Adrienne Watson.

O governo israelense também forneceu aos Estados Unidos interceptações que seriam de autoridades do Hamas. A transcrição da conversa mostra duas pessoas discutindo os danos causados pela explosão.

– Com base no que vi, parece que a explosão foi feita pelo outro time e não por você – disse o presidente Joe Biden ontem ao primeiro-ministro Benjamin Netanyahu.

Protestos

Países como Líbano, Jordânia, Tunísia, Turquia e Irã, além da Cisjordânia, registraram manifestações desde o ataque ao hospital de Gaza. A maioria dos atos ocorreu próximo a embaixadas de Israel e dos Estados Unidos.

Em Buenos Aires, na Argentina, as sedes das embaixadas dos dois países chegaram a ser evacuadas ontem, após uma ameaça de bomba.



Mandatário americano garantiu a Netanyahu que manterá apoio

Entenda

Quem realizou o ataque ao hospital em Gaza?

Ainda não há resposta segura sobre isso. O governo de Israel responsabilizou o grupo Jihad Islâmica, o que foi reforçado por um relatório preliminar apresentado ontem por autoridades dos Estados Unidos. O grupo, porém, nega que tenha comandado o ataque. O Hamas, por sua vez, acusa Israel.

Quantas pessoas morreram?

Segundo informou o Ministério da Saúde de Gaza ontem, foram 471 mortos e 300 feridos, 28 em estado grave, o que torna o ataque o mais letal desde o início do conflito. Israel afirma que não tem dados precisos sobre o número de vítimas.

Por que havia tantas pessoas no local?

O hospital estava operando acima da capacidade porque muitos civis estavam se abrigando no local, na tentativa de se proteger dos bombardeios de Israel contra a Faixa de Gaza, ou porque perderam suas residências ou se feriram nos ataques dos últimos dias.

Como estava a situação após o ataque?

Ontem, seguia a retirada de corpos dos escombros. Com escassez de suprimentos, médicos realizavam cirurgias no chão, muitas vezes sem anestesia, na tentativa de salvar pessoas gravemente feridas durante o ataque.

GZH
Mais notícias da guerra: gzh.rs/ guerravivo

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Pagina: 8